

Orquídea e Vasilisa: fragmento¹

*Adriana Zapparoli*²

então,

orquídea que brava o aço de anos por todo canto acobreado.

no recato, tocava-lhe os pontos como se átomos fossem. ela o tocava, cravo, e se via em
ambiências de um mal iluminado.

porque há feridas que desatinam,

assim como os demônios que habitam os livros,

entre as palavras adjacentes, entre os pelos de tamarindos, entre o pó de cocaína, entre as
retinas do cautério e das feridas...

desatinam no impresso, no silêncio abortivo, nas anfetaminas ingeridas por um anjo, em
reflexo de dia de domingo: são feridas impregnadas de amor...

“- veja, orquídea, suas pílulas antiferidas são esteviosídeos.”

¹ Orquídea e Vasilisa – Fragmento de texto contemplado com bolsa de incentivo à criação literária - poesia Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura, Proac Edital nº 36/2014.

² Adriana Zapparoli (Campinas – São Paulo) é escritora e tradutora. Realizou pós-doutoramento pela Universidade Estadual de Campinas (S.P). Publicou os livros de poesia *A Flor da Abissínia* (versão bilíngue), em 2007; *Cocatriz*, em 2008; *Violeta de Sofia*, em 2009; *Tílias e Tulipas* (versão bilíngue), dentre outros.

porque orquídea, ainda, diria que o amor inabita o cerebelo. não possui fímbrias, nem cabelos, sombras hipertensivas, células de verrugas venéreas, ou hérnias em fios de salivas etéreas ...

diria que habita nesses escarros... ele mora na letargia do ventre que pariu a maresia sem encontrar um destino. ele mora nos sonhos líricos...

“- em algum lugar mítico e ensolarado... e no amor- incesto entre o abutre e a orquídea...”

[diziam.]

porque toda noite, ela escuta o chamamento dos seus corpos poéticos, onde pulsa uma harpa, e duas harpias, uma rima dentro da sua orelha casta do sono; onde se vê o osso do pássaro, a casca-velha-de-alada- mendiga, o deserto em cenário, uma casa de sonho cinza

de bicéfalo

e

jacinthus,

ainda, um corvo úmido que belisca uma cesta que venta outras ventanias

dos cadáveres. é o cenário do fracasso castrado por sua própria língua.

não se espera nada além do sofrimento, e suas formas traidoras,

“- sim, são pimentas dedos de moças ...”

que de casa em casa pergunta se ali estava uma palavra alaranjada, quase vermelha, e uma orquídea e um pássaro demente

e

o incesto

da palavra uma ideia fixa, com sombras intrusivas, que foi o lugar do amor. palavra e um
leiteiro que diz e dizia:

“ - não alimente os abutres, ”